

Jornal: O Globo ?

Data:

Local: Rio de Janeiro-GB

Título: Mário Pedrosa, Um Ano Depois

A contemporaneidade da arte brasileira numa exposição de homenagem.

Autor: Moraes, Frederico

MÁRIO PEDROSA, UM ANO DEPOIS

A CONTEMPORANEIDADE DA ARTE BRASILEIRA
NUMA EXPOSIÇÃO DE HOMENAGEM

Copatrocinada pela "Revista Módulo", que fez circular, durante a inauguração, quinta-feira passada, um encarte com depoimentos de artistas, poetas e críticos brasileiros sobre o conceito de "contemporaneidade", o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro abriu uma exposição em homenagem ao crítico de arte Mário Pedrosa, morto há um ano. A mostra reúne obras de Abraham Palatnik, Aluísio Carvão, Amilcar de Castro, Anna Bella Geiger, Antônio Dias, Antonio Manuel, Bárrio, Carlos Pertuis, Vergara, Cildo Meirelles, Jackson Ribeiro, Weissmann, Hélio Oiticica, Ione Saldanha, Ivan Serpa, Lygia Clark, Lígia Pape, Milton Dacosta, Raimundo Colares, Roberto Magalhães, Rubem Valentim, Rubens Gerchman, Volpi e Willis de Castro. Artistas sobre os quais escreveu Mário Pedrosa, inclusive Carlos Pertuis, interno do Centro Psiquiátrico Dom Pedro II, no Engenho de Dentro, em que integra o grupo de artistas assistido pela Dra. Nise da Silveira.

Claro que nem todos os artistas sobre os quais escreveu Pedrosa ou com os quais tinha laços de amizade e afeto, desde os tempos do Neoconcretismo, estão presentes na mostra - nem haveria espaço no MAM para tantas obras. Por outro lado, o tempo de preparação da exposição foi extremamente curto e, por isso, nem todas as obras são originais, isto é, feitas especificamente para a mostra, como era a intenção de seus organizadores.

Mesmo assim, porém, as obras expostas falam da "contem

mas não
cópia

coletiva
idem

gd S11
Exposições
retira este
artigo datilografado
é igual ao anterior

Instituto de Arte

Cópia em nome de

poraneidade" da arte brasileira e, simultaneamente, do pensamento crítico de Mário Pedrosa. Ou, para ser mais preciso, da influência decisiva que teve o pensamento de Pedrosa na própria conceituação do contemporâneo na arte brasileira. Creio que vale, para esta exposição, o que escrevi para o catálogo de mostra anterior, realizada em 1980, na Galeria Jean Boghci, também em homenagem ao nosso mais ilustre crítico de arte: "O espectador que comparecer a esta exposição para simultaneamente homenagear Pedrosa e percorrer, nela, parte da história da arte brasileira e internacional, irá encontrar, impregnada em cada uma das belas e comoventes estruturas artísticas aqui expostas, como parte de sua significação, como parte de sua 'vida' cultural, um raciocínio claro e límpido, uma sobrevivida intelectual. Ou seja, mais que a apresentação de um conjunto esplêndido de obras plásticas, o que temos aqui exposto é um pensamento crítico em debate, o pensamento crítico de Mário Pedrosa".

.....
Sobre o pensamento crítico de Mário Pedrosa, falam três excertos de textos seus. "Os artistas revolucionários de nos sos dias" - escreveu Pedrosa, a propósito de Abraham Palatnik, no texto "Arte e Invenção" - "serão inventores, ou não o serão; mas inventores como arcaicos que, tocados da ingenuidade das crianças que amam, destruindo seus brinquedos e nutridos de pura imaginação, de simmesmos se esquecem, à eterna procura da pedra filosofal nos equívocos alambiques, em que ciência e magia ainda hoje se confundem". No artigo "Das formas significantes à lógica da expressão", de 1960, escreveu: "O homem nunca viu, nunca, não ouviu nada, nunca, pela primeira vez, impassivelmente. Toda forma é, pois, uma surpresa". Outro texto seu reproduzido no âmbito da exposição e cuja repercussão estrapolou o campo puramente artístico, é "O bicho-da-seda na produção em massa", de 1967. Nele, Pedrosa diz : "Creio não ser exagero afirmar que o traço decisivo que caracteriza o comportamento artístico de agora é a liberdade ou o sentimento de uma liberdade nova. Já faz bastante tempo que, tentando analisar o fenômeno, defini a arte de nossos dias como o exercício experimental da liberdade". Este é, também, um conceito político, como bem observou o psiquiatra Hélio Pellegrino, no prefácio do

livro "Mário Pedrosa, retratos do exílio" (Antares, 1982, 2ª edição) que reúne cartas escritas de seu exílio em vários países. "A arte, para Mário Pedrosa, é o exercício experimental da liberdade. A revolução social, nesta medida, é uma prodigiosa e grandiosa obra aberta (...) Arte e revolução, portanto, constituem atividades estruturalmente análogas. Ambas são marcadas, em seu centro, pelo selo da liberdade, sem cuja bandeira não existe, nem verdadeira arte, nem verdadeira revolução".

Um dos mais importantes artistas da vanguarda brasileira Cildo Meirelles, assim se referiu a Mário, em seu depoimento: "Um desses seres modelares que um povo (às vezes) tem a felicidade de produzir. Inteligência e generosidade, revolução e ternura: pedra e rosa". Aluísio Carvão, por sua vez, destacou o "lúcido/olho/olho vivo/, viva mente/ fecundamente" de Pedrosa. Outros se recordam de seus últimos encontros com o crítico e amigo: "Na última vez que estive com Mário" - diz Ione Saldanha - "ele me disse, com toda a simplicidade: 'A gente faz o que pode'. E nós sabemos como dentro dessa simplicidade, foi enérgico, de perfeito desinteresse cheio de vitalidade e sem concessões esse 'faz o que pode' em toda a vida de Mário Pedrosa".

A questão da contemporaneidade foi discutida, colonização cultural, circuito de arte etc. Diz Mário Barata: "O que existe de entristecedor no Brasil não é a importação de padrões culturais europeus, mas sim o fato de estar 'condenados' sobretudo em vários de seus ciclos autoritários, a fazê-lo sem testar realisticamente as conveniências e formas de adequação e de lento desenvolvimento de germens ou estruturas de atividade e suas possibilidades de enraizamento, sem prejuízo da continuidade pluralística da criatividade artística e da 'economia' dos valores estéticos e de criadores e técnicos agindo em torno de/com estes. A importação tem sido acompanhada, naqueles ciclos, de uma perdularidade de valores e de profissionais, bastante prejudicial ao País". Já para Armando Freitas, citando Mário Pedrosa, a condenação ao Bque está sujeita o Brasil é o moderno. A modernidade é nosso destino contraditório: "Terceiro mundo, terceira margem. Mas é daí mes-

mo" - diz o poeta - "desse lugar inexistente para os bem-pensantes, na periferia da própria periferia, lá longe, é que começamos, contra todas as previsões, usufruindo dessa liberdade clandestina, vira-lata, que os binóculos de campanha não conseguem enxergar, a construir nossas pontes, nossas passagens que, às vezes, conseguem, para espanto geral, tocar o mundo oficial, legitimando. (...) Portanto, batedores de carteira, uni-vos! Para que essa produção contemporânea tenha a nossa marca, nossa cara, nossa impressão digital, é preciso que ponhamos em prática não uma estratégia de apreensão do que ainda não aconteceu, deveras. Pois o contemporâneo é tudo o que está nos cercando, acontecendo e soprando. Assim ele deve ser encarado, como configurações incompletas, como devir e não como dever, perpétuos móveis, sem princípios, programas ou fins determinados, a priori. Não são fôrmas, são formas".

.....
.....

NOTA: Foto de Ivan Serpa e uma de suas obras, com o seguinte texto: "Ivan Serpa e uma de suas obras. Foto de Sebastião Barbosa."
